

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15395 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 04/GT 12 - Didática e Currículo

CURRÍCULOS, FORMAÇÃO DE PROFESSORAS, GÊNERO E SEXUALIDADE NA AMAZÔNIA

Maria Luiza da Silva Biê - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

Leonardo Ferreira Peixoto - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

CURRÍCULOS, FORMAÇÃO DE PROFESSORAS, GÊNERO E SEXUALIDADE NA AMAZÔNIA

RESUMO

Ao ingressar na universidade em 2019, em um curso de Licenciatura em Geografia, observei a falta de discussões sobre questões de gênero e sexualidade nos currículos do referido curso. Durante a minha graduação, participei do programa de Iniciação Científica, na qual desenvolvi um projeto para me aprofundar acerca desta temática, o que culminou mais tarde no desenvolvimento da minha monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso. A partir desta perspectiva, decidi aprofundar estas discussões como proposta metodológica no Mestrado em Educação. Este resumo narra um trabalho ainda em andamento, que se propõe analisar qual os *'espaçostempos'* da discussão de gênero e sexualidade em um curso de formação de professoras em uma universidade no interior do Estado do Amazonas.

Palavras-chave Currículo; Formação de Professoras

Introdução

Este trabalho surge através dos resultados de investigação da minha própria trajetória durante a graduação, com o desejo de mostrar como os movimentos sociais de mulheres podem causar impacto na formação de alunas e alunos de uma universidade pública do interior do Estado do Amazonas.

As principais questões que permeiam este trabalho estão voltadas para a proposta de pensar na construção de um currículo comprometido em romper com as desigualdades que existem entre homens, mulheres e não-binários. Ao me deparar com estas problemáticas, muitos questionamentos surgiram, como a universidade pode contribuir para a construção de um currículo não sexista?

Como os movimentos sociais de mulheres e estudantes causam impactos nos currículos praticados nos cotidianos escolares? Como estes movimentos se articulam com as questões sociais mais amplas? São estas as questões norteadoras que fazem parte do problema de pesquisa deste projeto.

Metodologia

A partir dessas inquietações, para compreender as possibilidades de construir um currículo interseccional, é importante mergulhar no cotidiano do curso em questão, analisar os documentos curriculares, bem como dialogar com docentes e discentes, os ‘*praticantespensantes*’ deste curso.

Diante disto, através destes estudos podemos perceber a importância de *praticarpensar* (OLIVEIRA, 2012) currículos em diálogo com os estudos feministas, com o propósito de criar uma educação crítica e transformadora.

Concepções de Currículo: a importância da interseccionalidade

De acordo com Silva (1996, p. 23), o currículo é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. A concepção de Silva nos faz entender as múltiplas relações que se entrecruzam entre poder, cultura e ideologias. Todavia, a perspectiva de currículo que defendemos neste trabalho, é a noção de currículo como prática cotidiana, defendida por autoras e autores do campo dos estudos *nosdoscom os cotidianos escolares*.

Esta perspectiva tem como inspiração ‘*éticaestéticapolíticapeistemológica*’ as produções de Nilda Alves, Regina Leite Garcia, Inês Barbosa de Oliveira, Maria Luiza Sissekind, entre outras pensadoras mulheres brasileiras. Para além do pensar em um currículo como prática cotidiana, também defendemos a importância de um currículo interseccional, que possa dialogar com o feminismo, com o gênero, com a sexualidade, raça, etnia, questões geracionais, entre outras.

A universidade como questionadora de um currículo machista

Apesar de sabermos que muitas universidades reproduzem práticas machistas, acreditamos que a construção de um currículo igualitário passa pelas ações que os movimentos de mulheres têm no impacto das estudantes e dos currículos praticados. Para Facco (2011, p. 10), a escola, por ser representação de um microuniverso social, vai reproduzir todas as relações, inclusive as práticas de discriminação, em suas salas de aula, pátios, corredores e banheiros.

Atualmente vivemos em uma sociedade que é constituída a partir de diferentes culturas e identidades, essas múltiplas identidades perpassam pelo ambiente acadêmico e escolar, o que acaba influenciando para a reprodução de práticas homofóbicas, racistas, machistas e sexistas.

Quais são as estratégias que as universidades usam para combater essas práticas que são vivenciadas diariamente em seu cotidiano? O que a universidade tem feito para lidar com estas problemáticas? Estas são algumas das inquietações que surgem ao nos deparamos com este tipo de problemática.

O pensamento feminista em sala de aula

Escritoras e professoras como bell hooks e Chimamanda Ngozi, nos mostra a importância de inserir o pensamento feminista em sala de aula. De forma simples e objetiva, hooks (2018, p.17), define o feminismo como um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão. Construir currículos que estejam baseados nas teorias feministas, pode proporcionar para as alunas e alunos uma educação crítica e revolucionário.

De acordo com hooks (2018, p. 27), a criação dos Estudos de Mulheres como disciplina acadêmica proporcionou outro cenário, em que mulheres podiam ser informadas sobre o pensamento feminista e teoria feminista. A narrativa da autora nos mostra como a criação de uma disciplina sobre estudos de mulheres contribuiu para a formação de um pensamento crítico. Todavia, não podemos somente pensar na construção de disciplinas que façam estas abordagens, precisamos também, como educadores, levar este pensamento para a sala de aula.

Concordamos com Adichie (2015, p. 28), quando a autora destaca que a questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a panejar e sonhar um mundo diferente. Transformar as salas de aulas em espaços que possam dialogar sobre estas questões, é uma forma de proporcionar aos alunos um novo modelo de ensino.

Para Madrid (2019, p. 184), se a escola espelha as estruturas, as dominações e as exclusões socioespaciais, elas também ocupam uma posição de promover debates que contribuem na reflexão destas estruturas. Assim como as escolas, as universidades possuem um papel muito importante para combater a dominação masculina, podendo ainda promover uma mudança social entre mulheres e homens.

Considerações Finais

Espera-se que, as universidades, as escolas e os docentes, possam repensar em uma nova proposta de currículo, ou ainda, que possam repensar em suas práticas educativas dentro desses espaços de ensino. Sabemos da importância que o currículo possui para o processo de ensino e aprendizagem dos discentes, porém, é importante ressaltar que estes documentos não

estão direcionados para as minorias, para as mulheres, para a população negra, para os portadores de deficiência ou ainda para a população LGBTQIAPN+.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MADRID, Camila. **Gênero como conteúdo nas aulas de geografia na educação básica**. Universidade Estadual de Campinas, 29 de junho a 4 de julho de 2019.

OLIVEIRA, Ines Barbosa de. **O currículo como criação cotidiana**. Petrópolis , RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: FARPEJ, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis: Vozes, 1996.